



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS

ISA DOS SANTOS
JÉSSICA DA SILVA TOLOSA

**ESTUDO DA LÍNGUA KARIPUNA - KHEUÓL:
DESCRIÇÃO DO DIMINUTIVO E AUMENTATIVO**

Macapá - AP
2018

ISA DOS SANTOS
JÉSSICA DA SILVA TOLOSA

**ESTUDO DA LÍNGUA KARIPUNA - KHEUÓL:
DESCRIÇÃO DO DIMINUTIVO E AUMENTATIVO**

Banca examinadora da Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras/Francês, sob a orientação do Professor Dr. Eduardo Alves Vasconcelos, como requisito avaliativo para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras/Francês.

Macapá – AP

2018

ISA DOS SANTOS
JÉSSICA DA SILVA TOLOSA

**ESTUDO DA LÍNGUA KARIPUNA - KHEUÓL:
DESCRIÇÃO DO DIMINUTIVO E AUMENTATIVO**

Banca examinadora da Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras/Francês, sob a orientação do Professor Dr. Eduardo Alves Vasconcelos, como requisito avaliativo para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras/Francês.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Alves Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Profa. Dra. Edna dos Santos Oliveira
Universidade do Estado do Amapá – UEAP

Profa. Ma. Sâmela Ramos da Silva
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Aprovado (a): _____

Em: ____/____/____

Macapá - AP

2018

Dedico a Deus, pela força nos momentos de dificuldades, aos familiares pelo incentivo, pela compreensão e carinho. A todos os professores que contribuíram diretamente e indiretamente para a nossa formação.

AGRADECIMENTO

À Deus pela força e iluminação nos momentos mais difíceis.

Aos familiares, pais, amigos pela parceria, incentivo e o companheirismo onipresente em todos os momentos.

Ao nosso Orientador Eduardo Alves Vasconcelos, pela orientação e condução nessa jornada.

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos”.

(Marcel Proust)

RESUMO

O presente trabalho faz uma descrição do diminutivo e do aumentativo na língua Kheuól, desenvolvida através de pesquisas bibliográficas e etnográficas em que foi utilizado meios como entrevistas, sentenças, questionários e revisão de literatura sobre a língua. Essa pesquisa tem o intuito de descrever os dois processos morfológicos da língua em estudo, e assim buscar verificar os possíveis processos morfológicos que contribuem para a construção da marcação do aumentativo e do diminutivo.

O tema desenvolvido dessa análise foi escolhido, principalmente, por termos influências indígena. A discente Isa dos Santos nasceu na Aldeia Espírito Santo, onde realizamos o trabalho de campo, e é falante nativa de Kheuól. A discente Jéssica Tolosa é descendente de Karipuna, nascida em Macapá. Também optamos por desenvolver essa pesquisa para contribuir com os estudos sobre a língua Kheuól

Palavras Chave: Linguística Descritiva. Morfologia. Língua Kheuól. Línguas Indígenas do Amapá. Povo Karipuna.

RÉSUMÉ

Le présent travail fait une description sur le diminutif et sur l'augmentatif dans la langue de Kheuól. Cette investigation a été développée à travers d'une recherche bibliographique et ethnographique dont il a été fait des entretiens, des sentences et des questionnaires, dans ailleurs une révision de la littérature sur la langue. Cette investigation vise à décrire deux processus morphologiques de la langue à l'étude et ainsi de chercher à vérifier les processus morphologiques possibles qui contribuent à la construction de l'augmentation et du marquage diminutif.

Le thème développé de cette analyse a été choisi, principalement, parce que nous avons des influences indigènes. L'élève Isa dos Santos est née dans le village Espírito Santo, où nous avons effectué le travail de terrain, et est un locuteur natif de Kheuól. L'élève Jéssica Tolosa est un descendant de Karipuna, né à Macapá. Nous avons aussi opté de développer cette recherche pour contribuer avec les études sur la langue kheuól.

Monts-clés: Linguistique Descriptive. Morfologie. Langue Kheuól. Langues Ameriendiennes de l'Amapá. Peuple Karipuna.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O CAMINHO PERCORRIDO.....	13
CAPÍTULO 1: POVO KARIPUNA	18
1.1. Constituição social.....	18
1.2. Breve histórico da aldeia Espírito Santo.....	20
1.3. A língua falada pelos karipuna.....	21
CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
2.1 A língua e suas respectivas particularidades.....	23
CAPÍTULO 3: ASPECTOS DO DIMINUTIVO E AUMENTATIVO	33
3.1 Discussão dos dados: o diminutivo.....	35
3.2 Discussão dos dados: o aumentativo.....	37
3.3 Diminutivo e aumentativo: síntese	39
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5 REFERÊNCIAS	43

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.....	15
Quadro 2.....	24
Quadro 3.....	25
Quadro 4.....	25
Quadro 5.....	26
Quadro 6.....	26
Quadro 7.....	27
Quadro 8.....	35
Quadro 9.....	35
Quadro 10.....	35
Quadro 11.....	37
Quadro 12.....	37
Quadro 13.....	38
Quadro 14.....	40
Quadro 15.....	40
Quadro 16.....	40
Quadro 17.....	41

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever a formação do diminutivo e do aumentativo da língua Kheuól, falada pelos Karipuna, no município do Oiapoque (Amapá, Região Norte). A descrição do aumentativo e do diminutivo na língua Kheuól permite analisar aspectos morfológicos dessa língua. Esta monografia foi elaborada a partir de pesquisas bibliográficas e trabalho de campo.

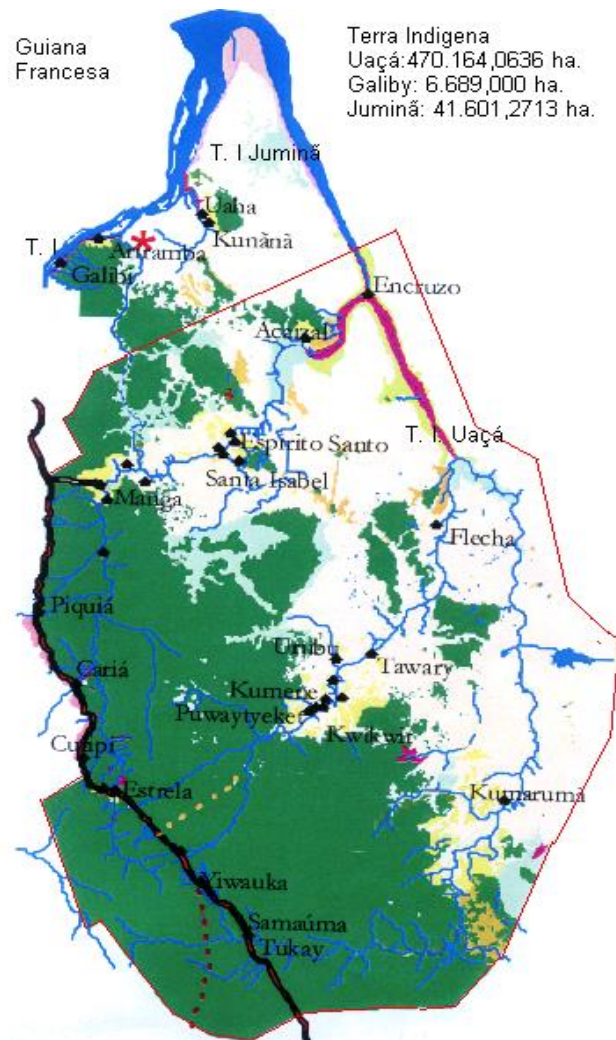
Segundo Tassinari (2003), Ruffaldi & Spires (2002), Gallois & Grupioni (2003), Vidal (2007) e Picanço (2003), o povo Karipuna com diferentes famílias, entre elas, famílias compostas por, supostamente, falantes de Nheengatú (Língua Geral Amazônica²) e, já instalados na região, adotando o *Kheuól*, uma variação do crioulo falado na Guiana Francesa³. Essa situação de contato se deu, como exposto, no que atualmente é a região do Município de Oiapoque (Amapá, Brasil) e de Saint-Georges (Guiana Francesa).

A história do povo Karipuna é bastante complexa, bem como a origem da sua variedade de Kheuól. Atualmente, esse povo considera o Kheuól como língua materna. Nesse sentido, levando em conta essa complexa origem da língua falada pelos Karipuna e a necessidade de realizar estudos sobre ela, é que será feita essa descrição do aumentativo e do diminutivo em Kheuól. Para essa investigação será considerada a descrição da língua encontrada na Gramática Kheuól (CIMI-NORTE II, 1980), a formação no grau formado pelos Galibi - Marworno em Silva (2010), a discussão sobre línguas crioulas em Couto (1996), pressupostos de análise morfológica em Petter (2012) e Rosa (2013). Essas leituras nos fornecem o suporte mínimo para a identificação das categorias gramaticais da língua e permite descrever a formação do aumentativo e do diminutivo.

² Segundo Rodrigues (1996), “a expressão *língua geral* tomou um sentido bem definido no Brasil nos séculos XVII e XVIII, quando, tanto em São Paulo como no Maranhão e Pará, passou a designar as línguas de origem indígena faladas, nas respectivas províncias, por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guarani [...] à qual foi-se agregando o contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas, incorporados ao regime colonial, em geral na qualidade de escravos ou de índios de missão”. Nheengatú, ou Língua Geral Amazônica, foi falada em toda a calha do Amazonas entre os séculos XVI-XIX. Foi a língua da população ribeirinha e, por isso, considerada a língua da Cabanagem. Atualmente, falam Nheengatú os Baré, no Estado do Amazonas, além de outros povos que a adotaram como língua étnica (Mura, Munduruku de Santarém, entre outros); é língua cooficial do município de São Gabriel da Cachoeira/AM (cf. Rodrigues, 1985; Bessa Freire, 2011)

³ Sobre a situação sociolinguística da Guiana Francesa, conferir *Langues et Cité*, vol. 3 (jan. 2011).

Os Karipuna atualmente estão nas aldeias Manga, Espírito Santo, Santa Isabel, Açaizal, na BR 156 nas aldeias Piquiá, Cariá, Curipi, Estrela e no rio Oiapoque nas aldeias Kunãã e Ariramba, como mostra o mapa a seguir. Além dessas, existem treze pequenas localidades residenciais dispersas às margens do rio Curipi (GALLOIS; GRUPIONI, 2003, p. 27). Como temos apontado, esse estudo tem por objetivo descrever o aumentativo e o diminutivo entre os Karipuna da aldeia Espírito Santo, localizada a 40 km do Oiapoque na Terra Indígena Uaçá. Essa aldeia tem aproximadamente 700 habitantes, sendo a segunda maior aldeia dos Karipuna, contendo quatro escolas estaduais e um posto de saúde, porém, sem um posto da FUNAI (Fundação Nacional do Índio)⁴.



Mapa 01: Aldeias Karipuna (Oiapoque/AP)

⁴ As aldeias Karipuna estão na Terra Indígenas Uaçá e terras indígenas vizinhas: Juminã e Galibi.

1.1. O caminho percorrido

Essa pesquisa foi desenvolvida em três etapas: a primeira foi bibliográfica, em que se fez uma revisão de literatura sobre a língua Kheuól e sobre análise morfológica para embasar a segunda e a terceira etapa. A segunda foi a realização da pesquisa na aldeia Espírito Santo, em que se utilizou meios como entrevistas, sentenças e questionário. Já a terceira foi a descrição das estratégias que a língua utiliza para marcar o aumentativo e o diminutivo.

Sobre a segunda etapa, em fevereiro de 2015, deu - se início da pesquisa acadêmica, na aldeia Espírito Santo, da etnia Karipuna, na Terra Indígena Uaçá (TIU), com a intenção de contribuir para o conhecimento e valorização da língua.



Figura 1: Aldeia Espírito Santo (local da pesquisa)

No decorrer da viagem para o município de Oiapoque, muitos obstáculos foram encontrados até nossa chegada à aldeia, o primeiro deles foi a estrada (atoleiro na BR-156 na área indígena no KM 90), onde ficamos por volta de três horas esperando outro ônibus passar. Chegando no Município de Oiapoque, fomos direto à FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para a entrega de documento da UNIFAP solicitando a permissão da nossa entrada na aldeia como pesquisadoras.

Ao chegarmos no local fomos recebidas pelo cacique Tiago dos Santos, fazendo a entrega do documento. Logo em seguida, a diretora Suely Aniká nos abrigou em sua residência. A comunidade nos acolheu muito bem apesar de ficarem retraídos com a nossa presença, por conta do papel assumido de pesquisadores de campo.

No primeiro dia de pesquisa, dia 25 de fevereiro de 2015, visitamos algumas famílias para realizar nosso trabalho, no entanto, nos deparamos com a primeira dificuldade: conflito de religião. Fomos informadas, por alguns moradores, que a comunidade estava vivendo um conflito religioso entre o catolicismo e o protestantismo e, assim, para realizarmos a entrevista com os fiéis da igreja Assembleia de Deus teríamos que pedir permissão ao pastor. Decidimos, então, entrevistar apenas os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus e católicos, o que nos evitaria alguns problemas. Na aldeia, atualmente, os católicos ainda são a maioria. Nos dias 26 e 27 de fevereiro demos continuidade à pesquisa, com o acompanhamento do cacique e de um conselheiro da comunidade.

Na primeira viagem foram entrevistados trinta Karipunas da aldeia - campo, dentre eles: nove idosos (quatro homens / cinco mulheres), dez adultos (cinco homens/ cinco mulheres), quatro jovens (dois homens / duas mulheres) e sete crianças (três meninos / quatro meninas), essas pessoas possuem de 10 a 80 anos de idade. Para a aproximação, adotamos o seguinte guia para as entrevistas:

Perguntas para aproximação

- a) Qual o seu nome?
- b) Qual a sua profissão?
- c) Qual a sua idade?
- d) Você conhece a história da sua comunidade?
- e) O que você faz no dia-a-dia?

Essas perguntas foram feitas para os idosos e adultos. A finalidade da entrevista primeiramente era de aproximação ao povo, saber um pouco do seu dia-a-dia, da sua cultura e tentar captar a fala da forma mais natural possível, criando um momento em que eles se sentissem a vontade para contar suas histórias. Foram visitados os entrevistados para pedir a autorização e marcar o horário e o dia de acordo com a disponibilidade deles e, assim, iniciou-se o processo da pesquisa.

A partir dessa aproximação deu-se início a pesquisa. Logo foi elaborada uma lista de palavras com os indígenas selecionada por nós, com intuito de detectar a presença das marcações que constitui o aumentativo e diminutivo no kheuól.

Fomos à casa dos idosos e dos adultos realizar as entrevistas. Para entrevistar crianças e jovens fomos até a Escola Indígena Estadual João Teodoro Forte (E.I.E.J.T.F.) onde pudemos observar a aula do professor indígena Lino Forte

e aplicamos uma lista de palavras em português no diminutivo e no aumentativo, no qual eles respondiam em Kheuól de acordo com a sua fala.

Português	Kheuól	Diminutivo	Aumentativo
“arvore”	<i>piebua</i>	<i>txipiebua</i>	<i>gho piebua</i>
“barco”	<i>bato</i>	<i>txibato</i>	<i>gho bato</i>
“faca”	<i>kuto</i>	<i>txikuto</i>	<i>gho kuto</i>
“peixe”	<i>puasõ</i>	<i>txipuasõ</i>	<i>gho puasõ</i>
“mato”	<i>dãbua</i>	<i>txidãbua</i>	<i>gho dãbua</i>
“borboleta”	<i>papiõ</i>	<i>txipapiõ</i>	<i>gho papiõ</i>
“mulher”	<i>fam</i>	<i>txifam</i>	<i>gho fam</i>
“mesa”	<i>tab</i>	<i>txitab</i>	<i>gho tab</i>
“panela”	<i>sódjé</i>	<i>txisódjé</i>	<i>gho sódjé</i>
“janela”	<i>janél</i>	<i>txijanél</i>	<i>gho janél</i>
“porta”	<i>lapót</i>	<i>txilapót</i>	<i>gho lapót</i>
“flor”	<i>butxe</i>	<i>txibutxe</i>	<i>gho butxe</i>
“colher”	<i>kuié</i>	<i>txikuié</i>	<i>gho kuié</i>
“prato”	<i>asiét</i>	<i>txiasiet</i>	<i>gho asiét</i>
“dente”	<i>dã</i>	<i>txidã</i>	<i>gho dã</i>
“cabeça”	<i>tet</i>	<i>txitet</i>	<i>gho tet</i>
“manga”	<i>mãg</i>	<i>tximãg</i>	<i>gho mãg</i>
“olho”	<i>uei</i>	<i>txiuei</i>	<i>gho uei</i>
“laranja”	<i>zõhãj</i>	<i>txizõhãj</i>	<i>gho zõhãj</i>
“boca”	<i>bux</i>	<i>txibux</i>	<i>gho bux</i>
“dedo”	<i>duét</i>	<i>txiduét</i>	<i>gho duét</i>
“orelha”	<i>zóhé</i>	<i>txizóhé</i>	<i>gho zóhé</i>

Quadro 1: Lista de palavras Português – Kheuól (dados coletados durante as entrevistas)

Na segunda viagem, em agosto de 2015, foi feita a transcrição das palavras pesquisadas em Kheuól e também a entrevista com o professor indígena Estácio dos Santos, fizemos uma entrevista com o professor de língua materna do SOMEI (Sistema Modular de Ensino Indígena), a qual transcrevemos a seguir:

a) O Kheuól é o resultado de uma língua base com uma língua substrato. Qual a diferença entre elas?

Resposta: a língua substrato seria uma língua que surgiu para haver um contato entre as pessoas de diferentes dialetos, ou seja, poderia ser um pidgin, uma língua de contato. Já a língua base por sua vez, seria a língua que já era falada pelo povo, a língua materna.

b) Você como professor indígena formado em Língua Materna do Kheuól, poderia explicar a diferença do crioulo falado na Guiana Francesa para o crioulo (Kheuól) falado na aldeia Espírito Santo?

Resposta: existem algumas diferenças na escrita, mas, na forma de pronunciar é bem parecido, agora é bem diferente da língua falada pelo povo Galibi-Maworno.

c) Quando se fala a palavra “crioulo”, logo se vem na mente o “negro”. Como você definiria o crioulo quebrando esta visão a respeito deste tema?

Resposta: crioulo e essa mistura de dialetos, ou de pidgin que tornou uma língua materna, no caso o kheuól falado pelos karipuna.

d) Que influência linguística o Kheuól recebe?

Resposta: recebe a influência linguística do francês falado na Guiana Francesa e do português.

A entrevista com o professor Estácio foi realizada por sabermos que ele é um profissional de língua materna (Kheuól). Que foi de suma importância para nossa pesquisa, traçando alguns caminhos de como poderíamos compreender mais a fundo o que seria o Kheuól dos karipuna.

Em suma, para análise desse estudo, foi necessário utilizar recursos como: entrevistas, questionários, pesquisa bibliográfica, gravações em áudio, vídeos e coleta de dados.

A monografia é composta de três capítulos. Logo no primeiro capítulo abordamos um pouco sobre a história dos Karipuna, um estudo bem sucinto, como a constituição social, breve histórico da aldeia Espírito Santo e a língua falada pelos Karipuna.

No segundo capítulo, o trabalho sintetiza a língua e suas respectivas particularidades na perspectiva teórica, com obras relevantes da área da Linguística Descritiva. E, no terceiro capítulo, apresentamos uma abordagem sobre o uso do aumentativo e do diminutivo e suas variações linguísticas em Kheuól, os dados coletados, a flexão/derivação da língua e a descrição dos resultados obtidos.

Esperamos com esta pesquisa contribuir tanto para a comunidade como para os professores e alunos da Escola Indígena Estadual João Teodoro Forte da Aldeia Espírito Santo (T.I. Uaçá).

CAPÍTULO 1: POVO KARIPUNA

1.1. Constituição Social

A história do povo Karipuna não é uma mera sucessão de fatos no tempo, não é um simples desenvolvimento de ideias, é o meio como os seres humanos criam e transformam sua existência social. Essas transformações podem ser observadas na história vivida pelos grupos que habitam a região do Uaçá. Na obra “No Bom da Festa”, Tassinari (2003) faz uma análise sobre o processo da construção histórica do povo Karipuna e suas especificidades no interior da região do rio Uaçá e baixo rio Oiapoque, apresentando a história do povo Karipuna, suas famílias, costumes, crenças, festividade, produção, tradição e a organização social. Tassinari (2003) descreve a respeito do universo, complexo e heterogêneo em que os Karipuna se definem e se constituem como grupo específico, tanto na organização cultural como no tronco linguístico, fazendo uma análise bastante relevante sobre o povo Karipuna.

Segundo Nimuendajú (apud TASSINARI, 2003, p.137), *Karipuna* refere-se a “um número bastante grande” de falantes da Língua Geral Tupi, fugitivos que migraram para o município de Oiapoque no final do século XVIII, de missões do Cunani e Macari, junto com outros índios, provenientes dos Aruã, após terem sido retirados de suas terras pelos colonizadores. Já segundo Ruffaldi (2002, p. 30), o povo Karipuna “formou-se a partir de remanescentes de várias populações. O nome karipuna é citado em relatos de viajantes no século XVII, como moradores de Oiapoque, contado por Mocquet em 1617”.

De forma complementar, Tassinari (2003) faz a seguinte consideração sobre os Karipuna do Amapá: “as genealogias das famílias Karipuna nos remetem a indivíduos de procedências diversas [...]. A presença dessas famílias no Curipi remonta a mais de 120 anos, segundo análise das genealogias” (p. 21). Em suma, os Karipuna do Amapá fazem parte do complexo de povos indígenas do baixo rio Oiapoque.

Conforme as informações disponíveis sobre este povo é possível que as primeiras famílias que chegaram à região do rio Curipi, em fins do século XIX, já se autodenominassem Karipuna. Além destas, confluíram para a mesma região outras famílias de origens bastante heterogêneas, incluindo pessoas de origem indígena e não-indígena que ali se estabeleceram e que, no decorrer da primeira metade do século XX, começaram a ser identificadas como integrantes do grupo Karipuna. Foi assim que os descendentes daquelas famílias passaram a assumir-se, diferenciando-se dos demais povos que habitam a região do Uaçá, com quem compartilham relações em comum, porém de quem se diferenciam enquanto grupo étnico, (GALLOIS; GRUPIONI, 2003, p. 15).

Tassinari (2003) assegura que nenhum processo social pode ser compreendido de forma isolada, como instância neutra, acima dos conflitos ideológicos da sociedade. Ao contrário, estão sempre profundamente ligados, vinculados, às desigualdades culturais, econômicas e políticas que dominam nossa sociedade.

Hoje, os indígenas em questão se identificam como Karipuna e são reconhecidos como tais pelas populações regionais de ambas as margens do rio Oiapoque, que faz a divisa entre o Brasil e a Guiana Francesa. Construíram seu modo de vida próprio, bem como uma organização social entre as famílias baseada em trocas. A reciprocidade também é a base da religiosidade do grupo, nas suas relações com os santos católicos, principalmente com Divino Espírito Santo, que é Padroeiro da Aldeia, e com os seres sobrenaturais ligados à figura do Pajé.

A festa principal do povo é a Festa do Divino Espírito Santo e comemoram também as festas de santos em outras comunidades vizinhas, desse modo a maioria profetiza a religião católica em harmonia com as tradições antigas.

A festa do Divino Espírito Santo ocorre em maio e é uma das mais tradicionais da região do rio Curipi. Importante pontuar que nas demais aldeias Karipuna são realizadas festas em homenagem a santos católicos que são padroeiros das aldeias, fazem parte da festa uma procissão, canto de hinários em latim, festas dançantes com som mecânico e distribuição do *caxiri*, bebida típica, e outras bebidas. Sobre o *caxiri*, Vidal (2007) explica que:

O *caxiri* é uma bebida fermentada indígena, um tipo de cerveja, à base de mandioca e consumida em todas as aldeias da região. O *caxiri* é preparado em grandes quantidades durante as festas indígenas e os mutirões, ou trabalhos coletivos, na derrubada ou plantio das roças. É também uma bebida que permite ao pajé o acesso ao mundo do sobrenatural, durante os rituais do Turé (VIDAL, 2007, p. 53).

Tal como os demais povos da região, os Karipuna preparam a festa do Turé. O Turé é um ritual indígena que acontece no mês de outubro, de preferência em um fim de semana de lua cheia. Nessa festa, o povo se reúne para dançar, beber e cantar junto ao pajé e seus *karuãnas*, os seres sobrenaturais. Esse ritual é indispensável nas comemorações dos Karipuna da aldeia Espírito Santo. O ritual é sempre liderado por um pajé, no final do ritual quando é arrancada a bandeira do mastro central, logo a responsabilidade passa a ser de outros membros, grupo de pessoas (homens / mulheres) que se colocam à disposição para carregar o mastro e a bandeira e assim assumirem o papel de auxiliar do pajé no ano seguinte.

A organização dessa festa implica certas despesas com tabaco, enfeites, bebidas e algumas comidas conforme a tradição e as regras do pajé, a disponibilidade para presidir a preparação de todos os adornos, instrumentos e, sobretudo, mastros e bancos.

1.2. Breve histórico da aldeia Espírito Santo

A comunidade do Espírito Santo situa-se à margem direita do rio Curipi, na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque (AP). Sua história surge com a chegada de João Teodoro Forte, natural da cidade de Mujuin (PA), que nasceu, aproximadamente, entre 1815 e 1825. Gil dos Santos (comunicação pessoal), morador da aldeia Espírito Santo, afirma ainda que João Teodoro era integrante do movimento da cabanagem e, quando esse movimento foi vencido pelas forças aliadas, teve que fugir para não ser preso. Assim, por volta de 1841, ele chegou ao Oiapoque junto com Catarina Forte (sua mulher), José Firmino dos Santos, Maria Vitória dos Santos e mais alguns fugitivos cabanos. Entrando no Rio Curipi procurando um lugar seguro para se esconder.

Logo se instalaram na margem esquerda do rio Curipi, onde existe hoje uma pequena vila chamada Cutiti (Jõdef), na qual moravam alguns franceses. Foi nessa região que João Teodoro resolveu ficar junto com o restante do grupo. Só que, devido a constantes desentendimentos com os franceses que moravam na mesma vila, resolveu mudar para o lado direito do rio Curipi, então, como marco de sua chegada, resolveu construir uma pequena igreja em cima da montanha e a nomeou como a Igreja do Divino Espírito Santo. A igreja era feita de madeira bruta com cobertura de folhas de inajá.

João Teodoro, devido ao seu espírito de liderança, ganhou uma farda francesa e lhe davam o nome de capitão. E assim ficou conhecido como Capitão João Teodoro Forte. Mais tarde, foi consagrado como primeiro cacique da comunidade. Sua casa servia de salão de dança para as festas em homenagem ao Divino Espírito Santo; nessas festas os franceses tocavam rabeca (instrumento medieval considerado o precursor do violino).

João Teodoro teria ensinado os índios da região a rezarem, pois, falava português. Como afirma Gil dos Santos, os antigos moradores, logo que chegaram ao Rio Curipi, falavam apenas o Nheengatú (Língua Geral Amazônica). A

comunidade vivia da caça, pesca e produção de farinha. Além disso, algumas vezes trocavam comida por materiais que necessitavam com um francês chamado Bovissi, que morava no igarapé do Taminã. João Teodoro Forte teve vários filhos, apenas três permaneceram no Brasil: João Forte, Frederico Forte e Eugênia Forte, os outros foram para Caiena (Guiana Francesa).

Ainda segundo Gil dos Santos, a esposa de João Teodoro faleceu entre 1900 a 1910 e, aproximadamente, entre 1920 e 1930 faleceu João Teodoro Forte. Após sua morte, seu filho, João Forte, assumiu o cargo de cacique. A antiga casa de João Teodoro foi transformada em casa de festa para as comemorações em homenagem ao Divino Espírito Santo, padroeiro da Aldeia.

1.3. A língua falada pelos karipuna

O Kheuól é a língua materna dos Karipuna e dos Galibi-Marworno, povos que estão, atualmente, na região norte do Estado do Amapá, nas Terras Indígenas do Uaçá, Galibi e Juminã. Os Palikur, povo Aruák, que tem o Palikur como língua materna, também falam o Kheuól como língua de contato com os índios da região e com a população da Guiana Francesa (principalmente com os habitantes de Saint-Georges de l'Oyapock), onde também se fala uma variedade desse crioulo.

A língua Kheuól é uma língua crioula, pois é o “resultado do encontro de uma língua base com uma língua substrato” (TOBLER, 1987), ou seja, “uma língua que se formou através de contato entre os índios e as sociedades circunvizinhas e também da relação entre os próprios contatos intertribais, o Kheuól é hoje a língua materna dos Karipuna” (BRITO 2012).

O Kheuól atualmente é mais presente na aldeia do Espírito Santo do que nas demais. Nessa aldeia, o português é L2 e o Kheuól a língua materna. Nas outras aldeias Karipuna, a maioria da população fala o português, por exemplo, na aldeia do Manga, Santa Izabel e Açaizal o português é a língua materna.

A língua do povo karipúna pertence à família dos crioulos do tipo francês. Esses crioulos são falados na Guiana Francesa, no Caribe, e em outras partes do mundo. Os karipuna habitam as margens do Rio Curipi, no Território Federal do Amapá (TOBLER, 1987, p. 2).

Para que houvesse uma comunicação entre esse povo e os demais, desenvolveu-se uma língua (Kheuól) para melhor a comunicação entre ambos.

Algumas famílias Karipuna, como temos apontado, teriam chegado à região do baixo Oiapoque falando Nheengatú, que era uma língua desenvolvida a partir do Tupinambá, mas, posteriormente, passam a usar o Kheuól. Segundo Bickerton (1984, p. 173), “um crioulo surge quando crianças adquirem um pidgin como sua língua nativa”. Supõe-se que quando essas famílias Karipuna chegaram ao Baixo Oiapoque, o Kheuól já era falado pelos habitantes da região.

De acordo com Gil dos Santos, junto com os Karipuna e os demais povos refugiados (franceses, holandeses, alemães, árabes, etc.) que se instalaram na região que hoje corresponde à Terra Indígena do Uaçá, vieram também os crioulos.

Neste capítulo foi apresentado um panorama do povo Karipuna e seus processos de construção histórica e linguística. Também foram abordadas as especificidades da Aldeia Espírito Santo, o local de pesquisa. No próximo capítulo será discutido com base teórica de como se deu o processo da língua.

CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A língua e suas respectivas particularidades

“o pidgin é uma língua auxiliar que surge quando falantes de diversas línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato estreito” (BICKERTON, 1984, p. 173 apud COUTO, 1996, p.15).

Para darmos início aos estudos da língua Kheuól, precisamos compreender como se dá o processo do surgimento do crioulo. Para tanto, seguiremos o proposto por Couto (1996) que explica que a origem da palavra crioulo teria vindo do português e passou por algumas alterações: em espanhol *criollo*, em inglês *creole*, até chegar no francês formando a palavra *créole*, em alemão teria provido do inglês e em francês, *créole*. Contudo, não há uma definição única para o termo crioulo, pois cada autor apresenta uma definição e uma interpretação diferente. Após fazer a apresentação de alguns estudiosos a respeito do assunto, Couto (1996) nos mostra o quão problemático é conceituar **pidgin** e **crioulo**.

Com o intuito de entendermos o significado da palavra “crioulo” precisamos quebrar o estereótipo de que “crioulo” é sinônimo de “negro”, mas sim um tipo muito especial de língua, e que “pidgin” não teria nada a ver com a palavra “pedigree”, mas seria um tipo de língua *sui generis* (COUTO, 1996, p.15).

Diante desse estudo, aqui faremos as seguintes perguntas. O que é pidgin? O que é crioulo? O pidgin de acordo com as fontes teóricas seria uma língua de contato, ou seja, uma língua que serve apenas para um contato imediato. “É uma língua auxiliar que surge quando falantes de diversas línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato estreito” (BICKERTON, 1984, p.173 apud COUTO,1996, p.15). Tanto para Bickerton quanto para Hall “o pidgin não é língua materna de ninguém, só é usado como língua de contato”. Quanto ao crioulo, seria um pidgin que se tornou uma língua materna. Como afirma Hall (1966), “crioulo é um pidgin que se transformou em língua nativa de uma comunidade de falantes” (HALL, 1966 apud COUTO, 1996, p.32).

Couto (1996) discute sobre a origem da palavra, sua significação, desenvolvimento, a modificação de pidgin em crioulo e a situação linguística nas regiões crioulófonas.

Picanço (2003), que realiza sua pesquisa entre 2000 a 2002, motivada pelo curso de Pós-Graduação em Linguística oferecido pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), analisa a língua crioula falada nas reservas Indígenas de Oiapoque, mais especificamente, da língua Kheuól falada pelos Karipuna. A autora afirma que o Amapá é o único estado brasileiro em que se fala uma língua crioula, nesse caso, um crioulo de base francesa⁵. A pesquisadora explica ainda que no Município de Oiapoque residem povos que falam Palikur, Galibi, Português, Francês e outras línguas. Sua hipótese sobre a formação do Kheuól é de que “a língua kheuól teve sua origem a partir dos contatos entre os povos das três reservas indígenas de Oiapoque que se misturaram com habitantes da Guiana Francesa” (PICANÇO, 2003, p.46).

Picanço (2003) faz um apanhado geral sobre o intenso contato existente entre as várias línguas faladas naquela região, que seria uma espécie de ponto de encontro de vários povos. A autora pontua, ainda, que o povo Karipuna luta para manter a língua Kheuól viva diante da grande influência do português e do francês. O foco de sua análise é a descrição do sistema pronominal do Kheuól falado pelos Karipuna. Cada paradigma pronominal é acompanhado de exemplos.

No primeiro exemplo, Picanço (2003) apresenta os pronomes pessoais do caso reto:

Kheuól	Português	Exemplos
Mo	Eu	Mo thavail deho lekol
U	Tu	U xâte pu sêie.
Li	Ela/ela	Si li pa gâie lajã li pa hete isi.
No	Nós	No mãje puasõ tu le ju.
Zot	Vós	Zot ka ale la lahi ke mopa papa.
le	Eles/elas	Lamê adhet ka ke iê zog long.

Quadro 2: os pronomes pessoais do caso reto – kheuól

⁵ O Kokama-Omágua (Amazonas, Peru e Colômbia) é uma língua surgida de uma situação de contato a partir da migração de povos Tupí para região do alto Solimões. Apesar de possível Pidgin, as línguas de base e de substrato não são europeias, mas sim indígenas (cf. Enciclopédia dos Povos Indígenas – www.socioambiental.org).

Já no segundo exemplo, a autora faz uma pequena análise dos pronomes pessoais do caso oblíquo, ou seja, pronome objeto, citando exemplos para mostrar como se formam as frases com o prenome objeto na língua Kheuól.

Kheuól	Português	Exemplos
Mo	Me, Mim	Iago so papa aste kuat pu mo , ti mo so txue mo dji pe.
U	Te	Kumã u ka ale?
Li	O	A li ke bai so Petxit Jezi.
No	Nós	No ke gãie no libeaté
Zót	Vocês	Kumã mo kõtã zót mem .
le	Ele (as)	Sa tximum-iela u sa ie papa.

Quadra 3: os pronomes objetos do caso oblíquo – kheuól

Os pronomes objetos, na maioria das vezes, vêm acompanhados de um artigo, substantivo ou até mesmo de um verbo. Na língua Kheuól, os pronomes pessoais do caso reto ou sujeito e os pronomes pessoais oblíquos ou objeto são os mesmos.

Já no terceiro exemplo, a autora nos apresenta os pronomes possessivos, em destaque logo abaixo.

Kheuol	Português	Exemplos
Mo	Meu, Minha	Mo papa nov.
U	Teu, Tua	U mãã joli
So	Dele, Dela	A so papa ki pi vie
No	Nosso (a)	No kaz i no xê.
Zót	De vocês	Zót xê ka mãje boku?
le	Deles (a)s	Mo ghã papa ale la kaz de ie .

Quadro 4: pronomes possessivos – kheuól

Nos exemplos a seguir são apresentadas as formas alternativas de cada pronome possessivo, de acordo com a pesquisa de (Picanço, 2003), em que ela os classifica:

Kheoul	Português	Exemplos
Mopa	Meu, Minha	Sa robe a mopa.
Upa	Teu, Tua	Sa kaz a upa?
Sopa	Dele, Dela	Sa lajã a sopa, sa fam a sopa.
Nopa	Nosso (as)	Sa lajã a nopa, sa kuto a nopa.
Zótpa	De vocês	Sa xapo ki la mo tet a zótpa.
Iepa	Deles (as)	Sa lêj ki ale lãdã mo malet a iepa.

Quadro 5: as formas alternativas de pronomes - kheuól

Em seguida, Picanço (2003) nos apresenta os vocábulos dêíticos, demonstrativos:

Kheuól	Português	Exemplos
Sa	Este/a	sa goble plê, sa fam a mo fam.
		Este copo cheio, esta mulher é minha mulher.
voála	Eis	Voála mo tótõ, voála mo kumunité. Eis o meu tio, eis a minha comunidade.

Quadro 6: vocábulos dêíticos – demonstrativos – kheuól

E, por último, traz um quadro com o uso dos pronomes relativos, interrogativos e causais, mostrando como se realizam na língua Kheuól. Assim conclui sua pesquisa realizada entre 2000 e 2002 a respeito da língua dos Karipuna.

Kheoul	Português	Exemplos
Ki	Que	Ki bai no lavi pu no fue – que doa a vida pelo irmão.
Kimun	Quem	Kimun ki vini isi? Quem está vindo aqui?
Kin	Quem?	Khin ka dhomi? Quem está dormindo?
Kisa	Que/coisa?	Kisa u já fé? O que estás fazendo?
Kõbie	Quanto (s)?	<u>Kõbie pitxit mên gãie? Quantos filhos a senhora têm?</u>
Kõte	Onde?	A kote li ale thavail? Onde ele foi trabalha?
Kitã	Quando?	Kitã u pa fe pu legliz? Quando tu não foste para a igreja?
Djikin?	De quem?	<u>Djikin zót ka pahle? De quem vocês estão falando?</u>
Kumã (sãble)	Como?	Kumã ka ale? Como estás indo?

Kibet Kin?	Quem foi?	<u>Kibet kin mãe nopa avoka? Quem comeu nosso abacate?</u>
Ke Kimun?	Com quem?	Ke kimun no papa ale? Com quem nosso pai foi?
A ke kisa?	Com que coisa?	A ke kisa pa se komãse djime? Com que coisa não se começa amanhã?
Puki sa?	Por quê?	Puki sa li pa vini isi? Por que ele não veio aki?
Pase	Por quê?	<u>Pase li ka malade. Porque ele estava doente (causal)</u>
Paski	Porque	<u>Paski li no ale? Paski u as u ka zót. Por isso estava com vocês?</u>
Pu sa	Por isso	Pu sa mo kõtã sopa. Por isso eu gosto dele.

Quadro 7: pronomes relativos – interrogativos - causais - kheuól

Algumas das frases escritas por Picanço (2003) ficaram sem sentido, devido à grafia incorreta de algumas palavras. As frases sublinhadas ficaram soltas e sem entendimento. A autora escreveu como entendeu e compreendeu, por não ser falante da língua Kheuól dos Karipuna e nem do crioulo de Guiana Francesa.

Ainda de acordo com a autora, a língua crioula serviu de suporte para a origem do Kheuól que teria surgido partir do contato com outras línguas. Dotada ou criada de uma forma ou de outra continua sendo preservada como Língua L1 pelo povo Karipuna da aldeia Espirito Santo. Picanço (2003) destaca alguns pontos da gramática dos Karipuna: os pronomes do caso reto, oblíquos e possessivos.

O texto Morfologia de Petter (2012) é um dos capítulos do livro “Introdução à Linguística II: princípios de análise”, organizado por José Luiz Fiorin (São Paulo: Contexto, 2012).

Petter (2012) procura destrinchar o que vem a ser o universo da Morfologia como o campo de estudo da “formação da palavra”. No princípio, a autora parte do significado do que seja o vocábulo “palavra”, apresentando-o de acordo com a gramática tradicional, em que são atribuídos dois sentidos. No exemplo “José contou muitas histórias”, temos quatro palavras. Porém, se levarmos em conta a sequência *contou, contamos, contava, contávamos, contasse*, percebemos que existem formas diferentes de uma mesma palavra. No primeiro caso estaríamos diante os lexemas que compõem um enunciado, no segundo, caso, um mesmo lexema que tem formas diferentes.

A partir da raiz **cont-** poderíamos ainda formar outras diversas palavras (cont-ador, cont-ista, cont-abilidade, etc.), contudo não podemos assegurar que

sejam várias formas do mesmo lexema, pois cada novo termo adquire um significado lexical próprio constituindo, assim, um novo lexema. Nessa possibilidade de transformação da palavra CONT-AR identifica-se dois processos morfológicos diferentes: a **flexão** “produzindo formas de palavras” e a **derivação** que produz novos “lexemas”. No primeiro caso, estamos no âmbito da Morfologia Flexional, enquanto no segundo caso estamos tratando da Morfologia Lexical.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2011) apresenta o significado de morfologia como o estudo da forma, da configuração, da aparência externa da matéria. Morfema, por sua vez, é definido, seguindo Bloomfield (1926 apud PETTER, 2012), como “forma recorrente (com significação) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores”. Além disso, um morfema pode apresentar formas diferentes, os denominados alomorfes. Se a escolha de dois ou mais alomorfes depender do contexto sonoro em que ele se encontra, disse que houve um **condicionamento fonológico** ou **fonético**. Por exemplo, na língua portuguesa não é permitida nenhuma sílaba final terminar em “rs”, ou seja, há uma restrição fonológica. Tal restrição condiciona, por exemplo, os alomorfes do morfema marcador de plural -s/-es (cf. PETTER, 2012).

Quando não for possível explicar alomorfia pelo contexto fonético, diz-se que ocorreu um **condicionamento morfológico**, isto é, uma forma que exige a outra. Como exemplo, o particípio passado dos verbos em italiano -*atu*, -*uto*, -*ito*, são alomorfes que dependem do morfema do infinitivo: -*are*, -*ere*, -*ire*. Assim, *comprare*, “comprar”, *credere* “crer”, *dormire* ‘dormir’ são palavras que têm como formas de particípio passado: *comprato*, *creduto*, *dormito* (PETTER, 2012).

Os processos morfológicos são modos de combinações que aparecem na forma de adição, reduplicação, alternância e subtração. No entanto, no kheuól esse processo só será possível na reduplicação.

Veja a seguir alguns exemplos em língua portuguesa e Kheuól (quando possível):

- a) Adição: quando um ou mais morfemas é acrescentado à base.
Português: a-profund-ar;
- b) Reduplicação: um tipo especial de afixação, que repete fonemas da base ou modificações. **Português:** au-au; **Kheuól:** panã-panã ‘a miraúba’ (espécie de árvore);

- c) Alternância: quando alguns segmentos da base são substituídos por outros, de forma não arbitrária porque são alguns traços que se alternam com outros. **Português:** fiz, fez, fui e foi;
- d) Subtração: quando alguns segmentos da base são eliminados para expressar um valor gramatical. **Português:** campeão e campeã;

Petter (2012) apresenta também o conceito de “morfema zero”, explicando que esse morfema não se faz representar por nenhum morfe para indicar uma categoria gramatical, ou seja, é “quando a ausência de uma expressão numa unidade léxica se opõe à presença de morfema em outra” (PETTER, 2012, p.68). Por exemplo, sapatos/sapato-Ø, sabemos que há presença de morfema zero porque o segmento “s” corresponde a marca de plural e, também, porque a marca de plural em “s” é constitutiva de substantivo.

Depois de dar este aporte teórico sobre como identificar, segmentar e reconhecer os processos de organização dos morfemas, Petter (2012) volta à discussão entre a **morfologia lexical** – que estuda os mecanismos morfológicos pelo qual se criam novas palavras – e a **morfologia flexional** – que estuda os mecanismos morfológicos pelo qual se apresentam as informações gramaticais das palavras.

Os mecanismos básicos da morfologia lexical são a derivação e a composição. Enquanto no campo da morfologia flexional o elemento básico é a flexão, o qual forma conjuntos sistemáticos (sistema) completos ou fechados. Na morfologia lexical temos a formação de palavras novas, com afixos derivacionais ou pela justaposição ou aglutinação de raízes (ou bases). Importante ressaltar que na morfologia flexional não há formação de palavras, as palavras são as mesmas, apenas com modificações que indicam relações gramaticais.

Segundo Petter (2012), os morfemas derivacionais são mais numerosos, possuem uma distribuição mais restrita, ou seja, mais fechada condicionada pelo uso. Já os morfemas flexionais são numericamente limitados, ou seja, possuem uma distribuição mais ampla dentro de uma mesma classe de palavras e, em português, são sufixos. Ainda sobre a distinção entre morfemas lexicais e flexionais, Petter (2012) explica que o acréscimo de morfemas derivacionais pode provocar mudança de categoria gramatical nas palavras e os flexionais conservam seus membros na mesma classe, vejamos os exemplos seguintes:

Nome + sufixo > verbo	ex: clarear, civilizar, coroar, mapear
Verbo + sufixo > nome	ex: contagem, pesagem, vencedor, punição
Adjetivo + sufixo > nome	ex: escuridão, imensidão, realidade, finalidade

A derivação, além de expressar diferenças vocabulares, é responsável também pela maior parte da criatividade e produtividade lexical da língua (PETTER, 2012).

Como exposto, a morfologia lexical tem os processos de **derivação** e **composição** como os mais importantes na formação de palavra e mostra a relação entre Morfologia e Semântica, pois através desses processos é possível inserir novas palavras e, conseqüentemente, novos significados no léxico da língua.

Petter (2012) discute que entre os processos de afixação – prefixação e sufixação – existe uma preferência por sufixação, raras são as línguas exclusivamente prefixais. Como aponta a autora, a base de uma forma derivada é, geralmente, uma forma livre, ou seja, é uma forma mínima que se pode construir sozinha um enunciado (verbo, adjetivo, ou até mesmo um advérbio)⁶. Já a composição consiste na associação de duas bases para formar um vocábulo novo, assim dando origem a palavras compostas a partir de formas livres⁷. Resumindo, o processo de derivação é a junção de raízes e radicais que servem de base para a adjunção de afixos, enquanto a composição é a junção de uma base a outra, com ou sem modificações de sua estrutura fônica.

Entre os processos derivacionais é importante citar a derivação regressiva que, diferentemente, do processo de derivação e composição, ao invés de acrescentar morfemas se reduz, como os denominados deverbais do português. E, ainda, a derivação parassintética, que consiste na adição simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base.

Sobre a Morfologia Flexional, a autora explica a relação entre a Morfologia e Sintaxe, na medida em que uma palavra modifica sua forma, através das flexões de gênero, número e caso, sem perder o seu significado, para atender às necessidades da estrutura oracional.

⁶ A definição de formas livres e presas é dada por Bloomfield (1933 apud PETTER, 2012), em que as formas livres são aquelas que sozinhas constituem significado – Bloomfield (*op. cit.*) acrescenta o conceito de forma livre mínima para formas livres que não sejam mais longas que um vocábulo – e as formas presas, conseqüentemente, são aquelas que não constituem significado. Os afixos (prefixos e sufixos) estão nesse segundo grupo. Câmara Jr. (1970) propõe ainda formas dependentes que são aquelas que sozinhas não constituem enunciado, mas, estruturalmente, não são formas presas.

⁷ Basílio (1987) acrescenta que a composição também ocorre com forma presas, por exemplo, sociolinguística e agricultura, em que a composição se faz a partir de radicais etimológicos.

Além da breve apresentação da Morfologia por Petter (2012), acrescentamos a essa análise as contribuições e reflexões de Rosa (2013). O ponto de partida dessa autora são apontamentos de como duas das principais teorias linguísticas do século XX abordam a Morfologia.

Em Rosa (2013) a morfologia é definida como a área da Linguística que estuda a forma das palavras. Como apontado por Petter (2012), as palavras são resultantes de dois processos morfológicos distintos: a flexão, que produz as formas das palavras, e a derivação que produz os lexemas.

Rosa (2013) nos permite compreender que a morfologia não é apenas um simples elemento que constitui a ciência da linguagem, e sim, uma das ferramentas mais extraordinária da linguística, que nos permite analisar a formação das palavras. Assim, morfologia significa “estudo da forma”, ou mais precisamente, “o ramo da gramática que estuda a estrutura das palavras” (ROSA, 2013, p.16).

Rosa (2013) discute a noção de morfema, tal como é apresentada na versão do Estruturalismo norte-americano, ou seja, com a definição do que seja o morfema, seus tipos e funções. Assim, morfema pode ser definido como:

- i. “uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores” (BLOOMFIELD, 1926, p. 27 apud ROSA, 2013, p. 49).
- ii. “uma forma linguística que não mantém semelhança fonética-semântica com qualquer outra forma” (BLOOMFIELD, 1933, p. 161 apud ROSA, 2013, p. 49).

Ainda na perspectiva estrutural, a autora aponta o seguinte conceito de morfe:

“Morfe é um segmento de enunciado, ou melhor, uma sequência fônica, a que é possível atribuir significado e que será posteriormente classificado num morfema. O morfema é, por conseguinte, uma abstração em relação ao morfe, do mesmo modo que o fonema o é em relação ao fone: um morfema é uma classe de morfes, isto é, cada morfe, ou alternante morfêmica, é um elemento de um conjunto (que pode ser unitário) formador de uma unidade estrutural, que é o morfema. Qualquer enunciado é completamente composto de morfes” (HOCKETT, 1947, p. 230 apud ROSA, 2013, p. 58).

Essa autora defende que, após séculos, a gramática tradicional ter considerado a palavra uma unidade verdadeiramente central no estudo e na descrição das línguas, a morfologia estruturalista da primeira metade do século XX veio pôr em causa não só a centralidade da palavra na descrição linguística, mas, também a própria relevância linguística desta unidade. Em mudança ou até mesmo

em substituição, passou a considerar com um relevo muito especial unidades como o morfema ou a forma, unidades amplamente discutidas no quadro da linguística estruturalista.

Segundo a autora, será necessário esperar pelo desenvolvimento da linguística gerativa para podermos assistir a uma espécie de “reabilitação” e “recuperação” da noção de palavra. Qualquer “regresso” à palavra é feito através de modelos teóricos, como a hipótese lexicalista, a qual defende que “a sintaxe não forma palavras”, aliás, “a sintaxe forma constituintes, frases, mas não palavras” (Rosa, 2013, p.80).

Após as reflexões sobre os conceitos de morfema e palavra e seu tratamento pela Gramática Descritiva e Gramática Gerativa, Rosa (2013) irá discutir Classes de Palavras, sua constituição enquanto objeto de estudo e suas abordagens para Estruturalismo e Gerativismo. Considerando a origem da investigação das classes gramaticais, a autora explica que a tradição greco-latina reconheceu na palavra características: a) semânticas b) morfológicas e c) sintáticas. Essa divisão proposta pela gramática greco-latina contribuiu para o estabelecimento da perspectiva de partes do discurso, tradicionalmente aceitos nas descrições gramaticais do Ocidente.

Neste capítulo foi discutido minuciosamente a língua e suas respectivas particularidades, na perspectiva teórica, bem como a morfologia da língua e seus processos morfológicos. No capítulo posterior iremos apresentar os resultados obtidos de nossa pesquisa.

Capítulo 3: ASPECTOS DO DIMINUTIVO E AUMENTATIVO

Neste capítulo, faremos uma breve discussão sobre o grau na análise de Jaciara Silva (2010) para o Kheuól falado pelos Galibi-Marworno, bem como na Gramática do Kheuól, está última elaborada pelo CIMI Norte II, na década de 1980. Por fim, apontamos particularidades observadas no *corpus* coletado por nós na Aldeia Espírito Santo.

O artigo de Jaciara Silva (2010), “A formação do Grau no Kheuól falado pelos Galibi-Marworno”, tem como principal objetivo sondar informações acerca da formação do grau no Kheuól falado pelos Galibi-Marworno. Sua leitura serviu como uma das fontes para nossa análise, contribuindo para o nosso conhecimento no que diz respeito ao grau do diminutivo e aumentativo em Kheuól.

Vale ressaltar que nos identificamos com o artigo por nosso trabalho seguir a mesma linha de pesquisa e também por sermos indígenas, ou seja, a língua Kheuól continua sendo estudada pelos indígenas Galibi-Marworno e por nós Karipuna.

Inicialmente, Jaciara Silva (2010) faz um retrospecto da história do povo Galibi-Marworno, e, logo após, explica, brevemente, a história da língua: “na época da guerra da Cabanagem houve muita migração de não indígenas e indígenas de outras etnias, principalmente os Palikur e Karipuna, além dos crioulos que vieram da Guiana Francesa e se refugiaram nas terras do Uaçá”. É na região do Uacá que se deu o contato dessas línguas dando origem ao Kheuól falado hoje pelos Karipuna e Galibi-Marworno, claro que com alterações.

As formas do diminutivo e aumentativo utilizado pelo povo Galibi-Marworno, segundo *Gramática kheuól* (CIMI NORTE II, 1984) seriam txi para o diminutivo, gho e ghã para o aumentativo, mais de acordo com a pesquisa de Silva (2010) são utilizadas outras formas como *pipitxi*, *dei* e *hêi*, para o diminutivo e *pãi*, *hãdji*, *ghogho* e *ghãghã*, para o aumentativo. Para os Karipuna são utilizadas às formas txi, pitxi, pipitxi e pitxipitxi para o diminutivo, e gho, ghã, gãdji, apapitxi gho e apapitxipitxi gho para o aumentativo.

As formas identificadas por Silva (2010) são particularidades da variedade dos Galibi-Marworno, o que pode sugerir que Karipuna e Galibi-Marworno têm suas particularidades e semelhanças. Considerando a *Gramática kheuól* (CIMI NORTE II, 1984), utilizam-se os mesmos prefixos txi para diminutivo, gho e ghã para aumentativo, os Karipunas e Galibi-Marworno.

Conforme apresentado na introdução deste estudo, o objetivo desta investigação foi descrever a formação do diminutivo e do aumentativo na língua Kheuól, por meio de uma pesquisa qualitativa e etnográfica. Após as entrevistas, conforme sugere o método escolhido, começamos a delinear o referencial teórico a esse respeito, de acordo com as opiniões dos sujeitos entrevistados (moradores), distinguindo as várias formas de construir o diminutivo e o aumentativo.

A pesquisa com os moradores da aldeia Espírito Santo revelou, em conformidade com que foi proposto, de que forma essas pessoas percebem a realidade da fala do dia-a-dia com a qual convivem e de que maneira constroem significados a partir dela. Cada pessoa em si tem uma maneira peculiar de entender, conceituar e tratar a fala no meio familiar: “aqui não há resposta certa ou errada, uma vez que o método etnográfico é uma experiência do outro para captar e compreender, depois interpretar, a sua alteridade. Ou seja, é uma descrição densa” (SAHLINS, 2003).

E por fim, indagamos as várias formas pronunciadas na construção do diminutivo e do aumentativo falada pelos Karipuna da aldeia Espírito Santo, pois a Gramática kheuól dos Karipuna (CIMI II, 1984) apresenta pouquíssimas informações relacionadas ao aumentativo e ao diminutivo na língua. A seguir iremos apresentar e discutir esses dados.

Inicialmente é necessário compreender como se dá a subdivisão dos estudos da morfologia em dois campos, a Morfologia Lexical e Morfologia Flexional, como já foi abordado acima, a derivação é o mecanismo básico da morfologia lexical e a flexão é o mecanismo básico da morfologia flexional. Partindo disso, de acordo com as análises, a marcação de grau no Kheuól traça um perfil dentro da morfologia lexical, pois forma novos itens lexicais. Como afirma PETTER (2012, p.70), “a derivação lexical, por expressar diferenças vocabulares, é responsável pela maior parte da criatividade ou produtividade lexical na língua”.

A Gramática kheuól dos karipuna produzida pelo CIMI II - Norte (1984) apresenta pouquíssimas informações relacionadas o diminutivo e o aumentativo na língua. A seguir iremos apresentar e discutir esses dados. De acordo com que constatamos durante a pesquisa.

3.1 Discussão dos dados: o diminutivo

Segunda as informações da Gramática Kheuól (CIMI NORTE II, 1984), para formar o diminutivo dos substantivos usa-se o prefixo *txi-* aos substantivos (p. 09). Veja quadro a seguir:

Forma básica-normal	Kheuól	Diminutivo
“Eva”	Ev	txiev
“Galinha”	pul	txipul
“Peixe”	puasõ	txipuasõ

Quadro 8: formação do diminutivo - prefixo txi (CIMI Norte II, 1984)

Em algumas palavras o *txi-*, conforme a Gramática Kheuól, foi incorporada como parte da raiz, como ocorre, por exemplo, nas seguintes palavras: “*tximum*” (criança) e “*txizozo*” (passarinho). Neste caso o *txi-* já faz parte da raiz, pois já carregam o traço semântico de (ser menor) Gramática kheuól (1984).

Português	Kheuól
“Pássaro”	txizozo
“Criança”	tximum

Quadro 9: tabela com a incorporação da raiz txi

Observamos durante a pesquisa que os entrevistados empregavam bastante a forma *pitxi* para formar palavras diminutivas no singular e *pipitxi* para palavras diminutivas no plural, exemplo a seguir.

Português	Singular	Diminutivo singular	Plural	Diminutivo plural
“Casa”	kaz	pitxi kaz txikaz	kaz-iela txikaziela	pipitxi kaz
“Unha”	zõg	pitxi zõg	zõg - iela	pipitxi zõg
“Laranja”	zõhaj	pitxi zõhaj	zõhaj - iela	pipitxi zõhaj
“Peixe”	puasõ	pitxi puasõ	puasõ - iela	pipitxi puasõ
“Gato”	xat	pitxi xat	xat - iela	pipitxi xat

Quadro 10: o uso das formas singular e plural - kheuól (dados coletados durante as nossas entrevistas)

Faremos uma pequena demonstração de como podemos utilizar as duas formas *pitxi* e *pipitxi* como complemento do prefixo *txi-*.

Exemplos:

- a) **Txipuasõ** “peixinho (peixe pequeno)” / **txixat** “gatinho (gato pequeno)”
 - b) **Pitxi** puasõ “peixe pequenininho” / **pitxi xat** “(gato pequenininho)”
 - c) **Pipitxi** zõg “unhas pequenininhas” / **Pipitxi** zõhaj “laranjas pequenininhas”
 - d) **Pipitxi** kaz “casas pequenininhas” / **Pipitxi** xat “gatos pequenininhos”
- Pipitxi** puasõ “peixes pequenininhos”

Por fim temos o **pitxipitxi** que também significa pequeno, no entanto, é utilizado somente para expressar idade ou tamanho menor de um ser.

Exemplo:

- a) sa xat la li **pitxipitxi** pase xat dji Mahi / Esse gato é menor do que o gato de Maria.

Nas línguas do mundo, encontramos processos morfológicos como adição, reduplicação, alternância e a subtração. Dentro dessas formas de combinação, temos o processo de reduplicação, que seria a repetição de fonemas da base alterando ou não a palavra, que ocorre com muita frequência no Kheuól e principalmente dando ênfase no diminutivo e aumentativo da língua. A reduplicação pode ocorrer antes, no meio, depois da raiz, repetir toda a raiz ou apenas um pedaço.

Exemplos de reduplicação no diminutivo: *txi*, *pitxi*, *pipitxi*, *pitxipitxi*

- a) sa txixat la ka mãge boku / Esse pequeno gato come muito.
- b) sa pitxi xat la ka mãge boku / Esse pequenino gato come muito .
- c) sa **pipitxi** xat la ka mãge boku / Esse pequenozinho gato come muito.
- d) sa xat la li **pitxipitxi** pase xat dji Mahi / Esse gato é menor do que o gato de Maria.

Como podemos observar acima, *txi-* significa pequeno. O prefixo *pi-*, que significa “mais”, foi acrescentado a *txi* formando *pitxi*, ou seja, ‘mais pequeno’. No terceiro exemplo ocorreu a reduplicação do prefixo *pi-* dando origem a *pipitxi*, sendo

assim muito mais pequeno, nas duas formas acima citadas ocorre a reduplicação de intensidade. Na quarta ocorrência, houve a reduplicação de toda a base, assim, *pitxipitxi* que também significa pequeno, no entanto, é utilizado somente para expressar idade ou tamanho menor de um ser, pode ser levado em conta neste caso que ocorreu o processo de reduplicação de comparação.

No Kheuól o diminutivo é inserido no grau sintético, se fixando ao substantivo, logo, sendo forma presa. As formas citadas acima são utilizadas, além do prefixo *txi-* para formar o diminutivo no Kheuól falada pelos karipuna da comunidade do Espírito Santo.

3.2 Discussão dos dados: o aumentativo

Sobre o grau do aumentativo a Gramática Kheuól (1984) nos apresenta uma informação bem sucinta: “o aumentativo é formado a partir dos adjetivos *gho* e *ghã*” (CIMI, 1984, p.09) que denotam tamanho e qualidade, ou seja, indica o aumento do tamanho do ser.

Português	Kheuól	Aumentativo
“Barriga”	van	gho van
“Gato”	xat	gho xat
“Pé”	pie	gho pie
“Homem”	uom	gho uom
“Cachorro”	xê	gho xê

Quadro 11: formação do aumentativo com o adjetivo *gho* (dados coletados durante as entrevistas)

Em algumas palavras, como *ghãpapa* “vovô” e *ghãmun* “senhor”, o adjetivo incorpora à raiz e forma palavra composto (CIMI, 1984, p.10). Para formar estas palavras, a forma “*ghã*” foi incorporada a raiz, *papa* = pai e *mun* = pessoa – gente, que formou – se as palavras *ghãpapa* e *ghãmun*.

Português-normal	Kheuól	Aumentativo
“Mulher”	fam	gho fam “mulher grande”
“mulher”	fam	ghã fam “grande mulher”
“Casa”	kaz	gho kaz “casa grande”

“Casa”	kaz	ghã kaz “grande casa”
“irmão”	fue	ghã fue “irmão mais velho”

Quadro 12: formação do aumentativo mais os adjetivos gho e ghã (CIMI Norte II, 1984)

Contudo, para a formação do aumentativo, os entrevistados, além de usarem as formas *gho* e *ghã*, já mencionadas na Gramática Kheuól (1984, p.10), também utilizarem as formas que se usam frequentemente pelo povo residente da Espírito Santo como: *ghãdji* e *apapitxi gho*. Uma usada no singular e a outra no plural, as duas formas indicam tamanho, porém, com a ideia de “grande”, “imenso” ou “enorme” em português

Abaixo apresentamos alguns exemplos da utilização de *ghãdji* e *apapitxi gho*, para a formação do aumentativo na língua.

Português	Singular	Aumentativo singular	Plural	Aumentativo plural
“Cama”	bukã	ghãdji bukã ghã bukã gho bukã	bukã-ielã Ghã bukã-ielã Gho bukã-ielã	apapitxi gho bukã
“Casa”	kaz	ghãdji kaz	kaz - ielã	apapitxi gho kaz
“Roda”	hon	ghãdji hon	hon - ielã	apapitxi gho hon
“Paneiro”	khukhu	ghãdji khukhu	khukhu - ielã	apapitxi gho khukhu
“Cesto”	pãîê	ghãdji pãîê	pãîê - ielã	apapitxi gho pãîê

Quadro 13: formação do aumentativo com as formas *ghãdji* e *apapitxi gho* (dados coletados durante as entrevistas)

Na aldeia Espírito Santo todos usam as duas formas do aumentativo citado acima nas frases, principalmente os que falam o *kheuól*, neste caso os idosos que pouco falam o português. Citamos aqui alguns exemplos de como se utiliza essas formas para a construção do aumentativo

a) Aumentativo singular- *kheuól* - Gramática Kheuól (1984).

Ghãdji djife. “fogo muito, muito grande” ou “fogo imenso”.

Ghãdji kabe. “casa de farinha muito, muito grande” ou “casa de farinha enorme”.

Ghãdji pãîê. “cesto muito, muito grande” ou “cesto imenso”.

Ghãdji khkhu. “paneiro muito, muito grande” ou “paneiros enormes”.

b) Aumentativo plural – Kheuól - Gramática Kheuól (1984).

Apapitxi gho uei. “olhos muito, muito grandes” ou “olhos enormes”.

Apapitxi gho bux. “bocas muito, muito grandes” ou “bocas enormes”.

Apapitxi gho xive. “cabelo muito, muito grandes” ou “cabelos enormes”.

Apapitxi gho kaz. “casas muito, muito grandes” ou “casas imensas”.

Apapitxi gho bakov. “bananas muito, muito grandes” ou “bananas enormes”.

Apapitxi gho tab. “mesas muito, muito grandes” ou “mesas enormes”.

Além do **apapitxi gho** existe o **apapitxipitxi gho** que também é usado para classificar aumentativo plural.

Exemplo:

a) **Apapitxipitxi gho zõhãj.** “laranjas muito, muito grandes” ou “laranjas enormes”.

O aumentativo por sua vez é inserido no grau analítico, pois não se fixa ao substantivo. Como foi citada anteriormente, a Gramática Kheuól traça apenas o paradigma de como se dá a formação do diminutivo e do aumentativo. Se levarmos em consideração todas as partículas formadoras desta língua, veremos que existem muitos estudos ainda a serem feitos a cerca da língua kheuól.

A língua kheuól é falada pelos indígenas Karipuna e Galibi-Marworno, porém, há uma pequena variação no campo linguístico falada por essas duas etnias, como afirma professor Estácio dos Santos: “os karipuna falam mais aberto e os Galibi-Marworno mais nasalizados, e ainda em suas falas acrescentam mais formas para construir palavras diminutivas e aumentativas”.

3.3 Diminutivo e aumentativo: síntese

Essas são as formas mais utilizadas para formar o aumentativo e o diminutivo na língua kheuól falada pelos karipuna da aldeia Espírito Santo. Para

assegurar o que foi exposto anteriormente, apresentamos abaixo um pequeno resumo nas tabelas 14 e 15, que mostram a formação do diminutivo.

Diminutivo singular			
	kaz 'casa'	zōhaj 'laranja'	xat 'gato'
txi	txikaz	Txizōhaj	txixat
pitxi	pitxi kaz	pitxi zōhaj	pitxi xat
pitxi - txi	pitxi txikaz	pitxi txizōhaj	pitxi txixat
pipitxi	pipitxi kaz	pipitxi zōhaj	pipitxi xat
pipitxi-txi	pipitxi txikaz	pipitxi txizōhaj	pipitxi txixat

Quadro 14: formas de diminutivo singular – kheuól (dados coletados durante as entrevistas)

Diminutivo plural			
	Kaz 'casa'	Zōhaj 'laranja'	Xat 'gato'
pipitxi	pipitxi kaz	pitxi zōhaj	pipitxi xat
pipitxi txi	pipitxi txikaz	pipitxi txizōhaj	pipitxi txixat
pitxi pitxi	pitxipitxi kaz	'pitxipitxi zōhaj	pitxipitxi xat

Quadro 15: formas de diminutivo plural – Kheuól (dados coletados durante as entrevistas)

Para finalizar a nossa análise, logo abaixo temos os últimos quadros contendo um pequeno resumo das formas do aumentativo em kheuól.

Aumentativo singular			
	Kaz 'casa'	Hon 'roda'	Kulev 'tipiti'
gho	gho kaz	gho hon	gho kulev
ghã	ghã kaz	ghã hon	ghã kulev
ghãdji	ghãdji kaz	ghãdji hon	ghãdji kulev

Quadro 16: formas de aumentativo singular – kheuól (dados coletados durante as entrevistas)

Aumentativo plural			
	Kaz 'casa'	Bukã 'cama'	Zohāj 'laranja'
gho	gho kaz	gho kukã	gho zōhaj

Apapitxi gho	apapitxi gho txikaz	apapitxi gho bukã	apapitxi gho zõhaj
Apapitxipitxi gho	apapitxipitxi gho kaz	apapitxipitxi gho bukã	apapitxipitxi gho zõhaj

Quadro 17: formas de aumentativo plural – kheuól (dados coletados durante as entrevistas)

Sendo assim, segundo os falantes são essas as expressões mais utilizadas pelos karipuna da aldeia Espírito Santo, na formação do diminutivo e do aumentativo no kheuól. Portanto, essas informações foram de extrema importância e enriquecedora para nossa pesquisa.

5. Considerações finais

A monografia focalizou dois elementos da gramática e da língua kheuól: o diminutivo e o aumentativo. Os dados coletados com os moradores da comunidade foram relevantes para uma reflexão intrínseca sobre a língua. Porém é importante salientar que é preciso haver mais estudo sobre a descrição do diminutivo e do aumentativo, estudo relacionado a outros temas que tragam benefícios para a comunidade em si e também para a comunidade escolar. Pois sabe-se das dificuldades enfrentadas pelo povo Karipuna em produzir as ferramentas que constitui com o ensino da língua kheuól.

A falta de fontes teóricas é considerada comum pelos professores, conforme defendido pela professora e diretora da E.I.E.J.T.F Suely Aniká, professor Estácio dos Santos e professora Irlene dos Santos. Por outro lado, a preocupação estende-se às dificuldades encontradas pelos moradores em lidar com essa situação, pelo fato de professores e comunidade escolar não estarem preparados para trabalhar em sala de aula com assuntos relacionados a língua kheuól em especial. O que sugere investimentos do Estado na formação de professores. É importante considerar as contribuições da instalação da Licenciatura Intercultural Indígena no *Campus* Binacional da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no município de Oiapoque (AP).

No campo escolar, verifica-se a dificuldade de muitos professores em lidar com o assunto, em grande parte por conta da falta de material escolar adequado. A monografia em si contribuiu parcialmente para o conhecimento e saber histórico da comunidade, principalmente, por incentivar a busca de mais informação sobre a língua e a cultura Karipuna e assim, promover a valorização da língua e cultura do povo da aldeia Espírito Santo.

Esta pesquisa é apenas um trabalho inicial, porém é preciso abordar outras temáticas enriquecedoras da língua. Deixa-se aqui uma pequena contribuição para o estudo da língua kheuól falada pelos Karipuna. Finalizamos com a mesma perspectiva de Silva (2010) “há ainda muito trabalho a ser feito em relação aos elementos da gramática kheuól e também em relação à própria língua”.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BESA Freire, J. R. **Rio Babel: A história das línguas na Amazônia**. 2ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- BRITO, Edson Machado de. **A educação karipuna do Amapá no contexto da educação escolar indígena diferenciada na aldeia do Espírito Santo**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CIMI. *Gramática kheuól*. Belém – PA, CIMI Norte II, 1984.
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgin**. Brasília: editora UnB, 1996.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI Denise Fajardo. **Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** Macapá: Iepé, 2003.
- PICANÇO, Maria Elza Raiol. A língua karipuna do Amapá. **PAPIA 13: Revista Brasileira de Estudos Crioulas e Similares**. V. p. 46-50, 2003.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In FIORIN, J. L. (Orf.) **Introdução à Linguística**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- RUFFALDI, Nello & SPIRES, Rebeca. **Povos Indígenas do Amapá e Pará**. Cimi Norte II. Belém: Mensageiro, 2002.
- RODRIGUES, A. D. **As línguas gerais sul-americanas**. *PAPIA*, v. 4, n, 2, pp. 6-18, 1996.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras*: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1985.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. 6 ed. São Paulo: Contexto 2013.

SAHLINS, Marshall David. Cultura e razão prática: dois paradigmas da teoria antropológica. In: **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, Jaciara Santos da. **A formação do grau no kheuól falado pelos Galibi-Marworno**. 2010.

SILVA, José Romerito. **O grau em perspectiva**: uma abordagem centrada no uso. – São Paulo: Cortez, 2014.

TASSINARI, Antonella Maria I. **No bom da festa**: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: EDUSP, 2003.

TOBLER, Alfred W. **Dicionário Crioulo Karipuna / Português – Português / Crioulo Karipuna**. Publicação do Summer Institute of Linguistics Brasília, 1987.

VIDAL, Lux B. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque**: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Iepé, 2007.